

# PODE EXISTIR A GRAÇA NO SOFRIMENTO INJUSTO?

## Leitura profético-política de 1Pd 2,18-19

Isidoro Mazzarolo

### Introdução

A primeira carta de Pedro está dentro das chamadas cartas “católicas”, cuja característica é a universalidade. Para alguns autores, dentre os quais P. Vielhauer<sup>1</sup>, a carta só é católica em alguns momentos, visto que é dirigida aos estrangeiros da diáspora e forasteiros do Ponto, da Galácia, da Ásia, da Capadócia e Bitínia (1,1). O fato de ser uma “circular” para essas regiões diminuiria o seu conceito de universalidade.

A expressão “estrangeiros na diáspora” tem um sentido figurado e literário, visto que os “cristãos” (*christianoï*) eram perseguidos e maltratados, não só nestas regiões mas em quase todo o Império Romano.

A carta tem três blocos, que podem ser assim denominados: a) Deveres dos cristãos, como um código de relações domésticas (1-2); b) Imperativos da vida comunitária (3-4); c) Função e missão dos líderes e de cada membro, na comunidade (5). Sob a perspectiva temática, podemos classificar a carta como uma parênese catequética, num contexto de sofrimento e perseguição.

Diversos autores quiseram ver nesta carta o desenvolvimento de uma liturgia baptismal, na fórmula de fé dos primeiros séculos<sup>2</sup>. Outros associaram o tratado como uma espécie de “testamento” num discurso de despedida<sup>3</sup>. É o único escrito no qual aparece menção às cartas de Paulo, mesmo sem citar nominalmente nenhuma delas (3,15-16). Desta forma, é um pouco temeroso apostar em definições como testamento, sermão ou caracterização única.

No que concerne à autoria aparecem algumas dificuldades. Pedro seria o autor, segundo a própria carta, no prólogo (1,1). A atribuição petrina estaria reforçada na outra auto-apresentação, como o ancião, testemunha dos sofrimentos de Cristo (5,1), o qual escreve a carta por meio de Silvano (5,12 – que é o mesmo que Silas), juntamente com Marcos, “meu filho” (5,13).

Estudos recentes têm revelado algumas dificuldades para a aceitação da autoria petrina. 1) Pedro é um pescador da Galiléia e, ainda que instruído nas letras aramaicas, não seria capaz de elaborar um texto no estilo e na forma, dentro da língua grega, como o que a carta apresenta. 2) Os paralelismos com alguns temas paulinos distanciam a carta de um

1. VIELHAUER, P. *História da literatura cristã primitiva*. Santo André: Academia Cristã, 2005 (orig. alemão, 1975), p. 609.

2. *Ibidem* – os autores referidos, sobre a hipótese de ser uma catequese ou sermão de um bispo na celebração do batismo, são Käsemann, Schelkle, Boismard e outros.

3. TEB, 1ª ed. Nota sobre o gênero literário e teologia, na introdução à carta.

pensamento semítico, tal qual poderia ser o de Pedro. Por exemplo: *a pedra de tropeço* (1Pd 2,4-8; Rm 9,32-33); *a submissão às autoridades* (1Pd 2,13-17; Rm 13,1-7).

A carta poderia ter sido escrita por Silvano (5,12), como um escrito pseudoepígrafo.

## 1. O texto 1Pd 2,18-19

“Servidores, submetei-vos, em todo temor, aos patrões, não só aos amáveis e afáveis, mas também aos perversos. *Essa é uma graça*, se na sintonia com Deus, suportais algum mal, *sofrendo injustamente*”.

### 1.1. Crítica textual

No v. 18, depois de patrões, alguns manuscritos antigos acrescentam o pronome “vosso”. Esse acréscimo pode parecer insignificante, mas se olhado como está no texto oficial, o empregado é aconselhado a submeter-se, não apenas ao seu patrão (déspota), mas a todo e qualquer “superior”, que possa desenvolver a atividade de patrão. O texto deixa a questão aberta, de modo que o servidor não tenha escolha para a submissão, dizendo que só obedece a quem tem obrigação ou vínculo empregatício, ele é adestrado a obedecer todo e qualquer déspota.

v. 19, depois de graça, apresenta a inclusão “junto a Deus”, testemunhada por alguns manuscritos menores. Essa variante, não obstante tenha uma insuficiência de testemunhos, pode ser considerada importante diante do quadro.

### 1.2. Análise do vocabulário

A expressão “servidores” (*oikétai*) indica pessoas com deveres, que estão na condição de serviço, abaixo de controladores e têm seu trabalho relacionado com alguém que cobra e pede contas. Pode-se entender como servidores, cujo trabalho é remunerado, mas, via de regra, mal remunerado, visto que esses servidores nunca chegarão à auto-suficiência, ao desenvolvimento autônomo.

O verbo *hypotassô* indica submissão, estado ou condição de inferioridade, estado ou condição de minoridade, dever ou obrigação de obediência. Alguém que é subalterno, que depende exclusivamente da condição de seu superior para ter ou não ter, para ser ou não ser, ao menos no contexto sociopolítico. O verbo *hypotassô* faz parte de um código social da submissão. Não obstante seja encontrado três vezes na 1Cor 14,32.34; 16,16, três vezes na Carta aos Romanos 8,7; 13,1.5; duas vezes em Ef 5,21.24 e em Cl 3,18, podemos afirmar que só 1Cor 16,16 e Rm 8,7 e 13,1.5 têm orientação paulina. Os outros textos são de fonte duvidosa<sup>4</sup>. Paulo aceitaria a submissão

4. Mazarolo, I. *Paulo de Tarso, tópicos de antropologia bíblica*, Rio de Janeiro, Mazarolo editor, 2ª ed. 2000. Nas páginas 149-165 analisamos os textos de 1Cor 14,32-34; Ef 5,21.24; Cl 3,18 e comparamos com 1Tm 2,1-3,5 dentro da perspectiva das instruções da Igreja de Jerusalém, nos tempos do final do primeiro século dC. A conclusão parece evidente de que o código da submissão não provém da teologia paulina, mas da petrina e das instruções de Jerusalém, patenteadas e expressas na 1Tm.

num contexto de terror e situação-limite, diante do qual é preferível a submissão ao déspota a fim de salvar a vida própria e dos outros (Rm 13,1.5). Nesta carta, as instruções de Pedro aos cristãos da diáspora não estão longe de pedagogia da resistência e da sobrevivência. A vida é um bem maior, e diante da ignorância e da irracionalidade do déspota, não há alternativas racionais, não há escolha fora da submissão, da contemporização e da busca de estratégias alternativas de saída.

*Epieikês* indica gentileza, delicadeza, bondade e afabilidade. Em uma situação normal, no cotidiano, essa virtude é a capacidade de agradar, de não ofender e de não ferir, mesmo que de modo involuntário. No entanto, quando se trata do relacionamento com o *déspota*, a delicadeza muda muito de enfoque. Ser delicado com quem ama não passa de uma resposta antropológica e retribuição honesta, mas ser amável com o perverso só é possível no âmbito do amor, ou da consciência da libertação (cf. Mc 10,45).

O substantivo *phóbos*, que corresponde aos sentimentos de medo, temor, receio e outros. Acrescentado ao advérbio *todo*, cria um estado psicológico e antropológico de terror e ausência total de liberdade. Pode-se chamar esse comportamento de “pedagogia do terror”.

Na definição dos padrões, o autor da carta apresenta dois tipos: um corresponde aos bons e outro engloba os ruins. A caracterização dos ruins é dada pelo adjetivo *skoliós* que significa cruel, perverso, mau. Pode-se entender aqui uma pedagogia da obediência, da subserviência ou da contingência, isto é, é a única escapatória para a sobrevivência. A submissão gera sempre um conforto para o dominador e, se ele é bom, a situação de bem-querer se aprofunda e aumenta, mas quando ele é cruel, a submissão pode ser uma via de mão única, na qual só o déspota passa.

A *syneidêsis* pode ser consciência, conhecimento íntimo ou conhecimento dos próprios atos. Esse conhecimento é também uma “sintonia”, um entendimento e um compromisso gerador de força e coragem. É essa *syneidêsis* que se torna um princípio da fé e da confiança em Deus, para além de todas as circunstâncias presentes.

Um conselho fundamental, mas crucial, aparece com o verbo *hypoferrô*, que significa suportar, carregar, agüentar no limite máximo. Suportar por causa de Deus, em outras palavras, por causa da fé, da missão e da consciência de cidadania, sociedade e humanismo.

O substantivo *lypê* aponta uma das realidades mais angustiantes do ser humano: *o sofrimento*. O povo de Deus conheceu e conhece profundamente essa experiência de humilhação, negação da dignidade e da vida em detrimento dos falsos direitos dos déspotas. Essa tensão entre o justo e o injusto é o tema central da grande obra sapiencial que é o livro de Jó. Ele faz emergir uma pergunta: *É justo que o justo sofra injustamente?* (cf. 19,1-12). De modo análogo, Jeremias pergunta a Javé se é justo que os maus prosperem a custa dos justos (Jr 12,1-3). O sofrimento é paradoxal a todas as expectativas de vida, de felicidade e aspirações do ser humano.

### 3. A graça pode estar no sofrimento injusto?

Nos anúncios proféticos a paz significa a *justiça* e a recuperação da mística libertadora do Êxodo. A paz é interpretada como consequência do compromisso com Javé, que resgatou o povo da escravidão para conceder-lhe a libertação. Nessa libertação está também um interdito: “*Não perverterás o direito do estrangeiro e do órfão, nem tomarás como penhor a roupa da viúva. Lembra-te que foste escravo na terra do Egito e Javé teu Deus de lá te resgatou. É por isso que eu te ordeno agir deste modo*” (Dt 24,17-18)<sup>5</sup>.

O termo *Shalôm* aparece mais de 250 vezes em 213 versículos<sup>6</sup>. *Shalôm* significa *paz, saúde, sanidade, integridade e prosperidade*, particular e pública<sup>7</sup>. A paz que alguém pode experimentar é o estado de vida de alguém posto a salvo, incólume, próspero e frutuoso sem nenhum perigo (1Sm 20,7.21; 2Sm 18,29). A paz é o bem na prosperidade, na segurança pública e na administração justa de todas as coisas (Nm 6,26; Dt 23,7). A paz é o repúdio à inimizade, à violência e à guerra (Ecl 3,8; Mq 3,5). A paz é busca da amizade, da estima e bem-querer com o próximo (Sl 41,10; Jr 20,10; 38,22).

A graça é a irmã da paz, é a outra perna deste “corpo” revestido de “dons”. O discípulo tem um compromisso primário de estar com o Mestre, a fim de aprender dele e com ele a dinâmica do discipulado e as instruções para poder curar e expulsar demônios (Mc 3,13-15). O Evangelho é Boa-Nova que exige a inteligência, a instrução, a presença do Espírito. A prática da justiça é testemunho da graça e daquilo que foi recebido como dom. A graça é tradução do termo hebraico *hésed*<sup>8</sup> – *charis* em grego. A definição de *charis* é algo que é experienciado como bom, algo que se faz sentir como plenitude ou plenificação<sup>9</sup>. A graça só é graça quando for de graça, quando se torna expressão da bondade, cordialidade e gratuidade. O homem que possui a *hésed* é um homem piedoso, bom, gracioso. A graça pode ser fruto da instrução, da aprendizagem ou de uma forma comportamental evolutiva, que faz o ser humano aprender dois movimentos: um para o lado, no sentido da solidariedade e da justiça; outro na direção de Deus, através da espiritualidade e da missão. Ela é a atitude em favor do necessitado e do miserável (Pr 20,28; Jó 6,14). A expressão “misericórdia” (*hésed*) tem um sentido mais específico que graça. Enquanto a graça tem um sentido mais abrangente e diverso, a “misericórdia” (*hésed*) pode ser entendida como compaixão, favor, socorro ou misericórdia (Os 2,21; 6,6; Mt 9,13; 12,7). A misericórdia (*cor – miserus*) é a ação de um coração despojado em favor de alguém necessitado, carente. Compreende-se por que o grego interpreta a *hésed* com diferentes terminologias, pois os vocábulos gregos são

5. Na perspectiva profética é indubitável a relação de paz com o bem-estar proporcionado pela libertação e que este procedimento deveria ser a Lei maior na nova terra. Por outro lado, toda forma de escravidão seria um *adultério* contra Javé porque não prolongaria este compromisso, traindo a longa trajetória do povo no deserto e traindo os ensinamentos de Deus para seguir os ensinamentos próprios (cf. Am 5,18–6,14; 8,4-8; Os 1,2–2,25; 4,1-8; 1Sm 8,1-20; Is 1,10-20; 5,1-8; 10,1-2; Mq 1–3).

6. Lloyd, G.C. “*Shalôm*”, in: *Dicionário Internacional de Teologia do AT*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

7. Zorrel, F. *Lexicon Hebraicum et Aramcum Veteris Testamenti*.

8. DELYTZ, P. (Bêrit *hadashah*) – tradução hebraica do NT, Soc. Bíblica de Israel.

9. *Neôn orthographikon léxicon*.

mais abundantes e distinguem as funções, ora como misericórdia (Os 6,6), ora como amor (Os 2,21) ou com outro termo como compaixão, ternura, graça.

A *cháris* aparece 156 vezes no Novo Testamento, e nos evangelhos somente oito vezes em Lucas e quatro em João. O sentido não-religioso do termo significa algo concreto que alguém recebe de outrem, um presente, um favor especial, uma cura sem mérito. Já para Aristóteles a graça não é salário ou pagamento<sup>10</sup>. No conceito profético (AT) a *cháris* é a ação de Deus que vem em favor do povo, a libertação e o resgate, mesmo com os pecados, traições ou o adultério (cf. Os 4,4-8). Em Lcs 4,22 entende-se a visita de Jesus como o anúncio de uma Era de graça, de amor, perdão, curas e restaurações. A graça é também dom (1Pd 4,10) que alguém recebe para colocar a serviço da comunidade (1Pd 4,9; Mt 25,14-30; Lc 19,12-27). A graça pode ser entendida como salvar alguém (2Tm 1,9), libertar ou perdoar os pecados (Ef 1,7). A graça está também ligada à fé (Rm 5,2) que permite entrar na comunhão e na experiência de Deus mais profunda. A saudação de Paulo e seus companheiros à Igreja de Tessalônica é uma forma de saudação com ressonância litúrgica usada pelas comunidades cristãs. Esta é mais do que uma simples saudação, pode-se defini-la como bênção. Esta fórmula estereotipada de saudação pode encontrar respaldo no ritual de bênção (Nm 6,25-26): “O Senhor faça resplandecer sobre ti a sua face e te agracie!”<sup>11</sup> O Senhor te mostre a sua face e dê a sua paz!”

A graça e a paz, no epistolário paulino, podem ser vistas como a graça de Deus a serviço do perdão dos pecados, a reconciliação dos corações e o anúncio de tempos messiânicos, onde o “lobo e o cordeiro” ou a “criança e a víbora”... pudessem conviver na paz (Is 11,6-9).

#### 4. A submissão do servo ao déspota (1Pd 2,18)

Como entender essa orientação de Pedro à sua comunidade? O verbo *hypotassô* não pode ser entendido sem um contexto de desigualdades. *Hypotassô* expressa o conceito de submeter, colocar debaixo, subjugar. Algumas vezes é apenas uma questão de posição, de situação e de relação, sem maiores conseqüências, no entanto, no contexto da 1Pd, a submissão aponta para uma ruptura de relações em virtude dos dois termos estarem situados em extremos opostos: *servos* – *déspotas*.

O lexema *oiketês* abarca o conceito de servo, servidor, alguém é membro da família, criado, mas está próximo da casa, até dentro da casa. Algumas vezes os criados residem no mesmo ambiente dos seus senhores, outras eles estão mais longe. Os “servos”, que muitas vezes estão dentro de casa, em sua relação aos déspotas, estão tão longe como se não se conhecessem.

10. BERGER, K. *Xáris*, in: BALZ et alii. *Exegetisches Wörterbuch zum NT*, B. III. Stuttgart: Kohlhammer, 1983.

11. O termo usado nesta saudação não é “*hésed*”, mas “*hanan*”, que pode ser interpretado como um sinônimo, ainda que distinto. A LXX traduz com o termo *'éleos*. A Vulgata segue o texto grego: “Ostendat Dominus faciem suam tibi et *misereatur* tui”.

O termo-chave desta relação é *déspota*. Essa figura encarna uma realidade irracional, absoluta, ditatorial, não obstante, em alguns casos ser um sinônimo de *kyrios* – senhor. O autor da 1Pd revela ter um bom conhecimento da situação das igrejas da Ásia Menor, cujos membros são, de modo especial, caracterizados como *estrangeiros da dispersão* (1,1). Esta caracterização pode ser ampliada na referência da situação dos mesmos, pois são como gente sem pátria, sem identidade e sem alicerces (2,11).

Os operários e trabalhadores, convertidos ao cristianismo, destas regiões, nos tempos da carta, eram como gente sem identidade, sem documentos e sem propriedades, portanto, sem qualquer possibilidade de ubiquação, de endereço e referência. Os servos do Senhor, que são sem hipocrisia (1Pd 2,1), servem com maturidade e liberdade interior, não apenas aos bons, mas também aos maus patrões. A razão desta “submissão” é o serviço no Senhor, pois é nos princípios da fé que eles encontram motivações para resistir, perseverar e esperar pela mudança dos chefes.

“O legalismo incondicional é compatível com a tirania”<sup>12</sup>. Quando as injustiças são justificadas por lendas, mitos, fábulas ou princípios falsos de direitos adquiridos ou recebidos do alto, pode um cristão submeter-se? Normalmente, diante de um sistema injusto, está a irracionalidade, e a única forma de tentar a mudança é não jogar com as mesmas armas do opressor.

A submissão pode ter uma outra conotação, quando aplicada na esfera fraterna e na Igreja: Cada um deveria, numa atitude de humildade, submeter-se, de tal forma que o outro seja sempre tratado como maior (Fl 2,3). Esta seria uma forma radical de obediência e de valorização da alteridade (Lc 10,7; Rm 8,7; 1Cor 14,22). É a capacidade máxima do amor e da entrega (Mc 10,45). É melhor poder dar do que ter que receber (At 20,35).

Os anjos estão sujeitos a Cristo (1Pd 3,22; Hb 2,5-8), a Igreja está submissa ao Senhor (Ef 5,24), a mulher ao marido (1Pd 3,1), os escravos ao patrão (1Pd 2,18) e os jovens aos anciãos (1Pd 5,5). Nas culturas antigas e de igual modo nos tempos da Carta de Pedro, havia o culto ao soberano e semideus. Esta submissão criava um problema de consciência, pois em muitos casos tratava-se de mera idolatria. No entanto, algo deve ficar claro e precisa ser dito: os cristãos da Ásia Menor não buscavam o sofrimento. Eles experimentavam o paradoxo a fim de permitir a conversão dos pagãos e dos déspotas<sup>13</sup>.

## 5. O sofrimento injusto pode resultar algum fruto?

O autor faz uma afirmação e não uma pergunta. Ele declara enfaticamente que o sofrimento injusto, suportado de modo exemplar pelos cristãos, se torna uma graça de Deus. No versículo anterior (2,18), afirma que a submissão não deve ser apenas aos bons e afáveis, mas também aos tiranos, como o próprio termo confere.

12. SPICQ, C. *Les Épitres de Saint Pierre*. Paris: Gabalda, 1966, p. 101.

13. KRULL, W., KONINGS, J. *Cartas de Tiago, Pedro, João e Judas*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 38.

De que forma se pode conceber essa afirmação? Quando pode haver graça no sofrimento? Pode haver confusão entre o sofrimento injusto e o masoquismo? Como distinguir entre o sofrimento injusto e as conseqüências normais dos erros e equívocos da vida? Sem dúvida, o autor da carta, dentro do seu contexto sociopolítico, não se refere a frustrações pessoais, pagas por culpabilidade própria, e, sim, algo que é imposto de fora para dentro, sem a menor condição de ruptura e de mudança imediata.

A submissão ao déspota é porque ele é déspota, não raciocina, apenas manda. Neste caso, aos cristãos não cabia fazer revoluções ou protestos, visto que estes eram recompensados com a tortura e a morte (temos os inúmeros casos dos primeiros séculos, relatados por Eusébio, na sua *História eclesiástica*).

Diante da irracionalidade não cabem argumentos, e o autor desta carta é bem conhecedor destas regras diabólicas do poder. Assim ele entende que o sofrimento, suportando e carregando o peso de um fardo imposto, é uma forma de renúncia aos próprios direitos, mas é também um caminho, através do qual seria possível provocar a sensibilidade dos déspotas e de seus comparsas.

Reagir na mesma altura das provocações seria fazer o mesmo jogo da injustiça e da impiedade dos senhores. Submeter-se seria uma outra irracionalidade, mas, via de regra, uma única alternativa para tentar sensibilizar e motivar a conversão dos tiranos. Esse sofrimento, em função de uma perspectiva maior, da espera pelo “acordar” e o alcance da maturidade da fé, da vida humana, este tempo de espera e dor pode ser visto como uma graça em favor daqueles e daquelas que estão fora do plano de redenção. A graça é o amor dado de graça. É uma graça poder sofrer pelos outros, sim, pois só quem ama é capaz de dar de si em favor do outro, de partilhar com a alteridade aquilo que é seu.

O sofrimento é sempre uma situação difícil. Quando há responsabilidade e culpabilidade, também existe uma aceitação maior, pois ele é conseqüência. No entanto, quando é *injustamente imposto*, ele gera uma reação que pode ter dois desdobramentos: a) A aceitação como forma de libertação; b) A rejeição e a revolta, que podem ocasionar situações piores. Nos tempos desta carta (1Pd) muitas famílias perdiam o pai ou a mãe por causa da fé, do assumir o cristianismo e de testemunhar uma nova forma de vida em sociedade. O cristianismo foi interpretado, nos quatro primeiros séculos, como uma ameaça às tradições judaicas e os judeus instigavam os romanos para que eliminassem essa nova seita, que eram os seguidores de Jesus de Nazaré. Muitos neoconvertidos faziam questão de mostrar sua nova situação e testemunhavam publicamente que eram cristãos. Estes quase sempre pagavam com suas vidas, mas as conseqüências piores recaíam sobre suas famílias, não raro, com dificuldades de sobrevivência e amparo, restavam muitos órfãos e mendigos. É bem provável que o verbo *hypotassô* tenha sido usado pelo autor da carta, como pedagogia da resistência, num cunho apocalíptico, de rejeição ao despotismo, mas de contemporização deste ambiente, na expectativa de uma mudança, sem violência e sem mortes. Se os servos se submetessem aos seus déspotas não haveria confronto, mas eles teriam que quebrar a violência dos seus patrões com atitudes de aceitação consciente, nobre, forte. A submissão, nesse contexto, não seria sinônimo de alienação ou descompromisso com a

realidade, mas sim uma atitude de rejeição amorosa, de protesto do silêncio e de espera pelo “acordar” do amor dos patrões, evitando o sangue e a dor dos que ficavam.

É uma graça sofrer conscientemente. Só a graça permite que o amor supere o ódio. Só o amor constrói. A graça, no sofrimento injusto, é a vivência plena das bem-aventuranças, particularmente a da perseguição por causa de Jesus Cristo (Mt 5,10; 1Pd 3,14; 4,14). Não é um pacifismo entreguista, não é atitude do derrotado que capitula diante da provação, mas da resistência até o momento oportuno da virada e da mudança.

*Isidoro Mazzarolo*  
isidoro@ig.com.br